

Homossexualidades: vivências e envelhecimento em busca da “cura” das sensações sexuais contrárias.

Autora:

Luciana Aita Ost¹

Orientador:

Prof. Dr. Guilherme Rodrigues Passamani²

Resumo: Apresento aqui um paralelo entre as vivências de Romeu, um homossexual de 67 anos, que viveu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, durante o período da Ditadura Militar entre 1964 à 1985; e, seu processo de envelhecimento, posterior a esse período, em um contexto de mudanças sociais em relação às visibilidades das comunidades LGBTs; com a História da homossexualidade no Brasil e a partir daí, entender como estes indivíduos viveram suas condutas de visibilidade e mantiveram suas práticas neste contexto histórico aos dias atuais. Apresento aqui também uma análise em relação a associação do HIV em sujeitos homossexuais e os quadros de depressão por estes apresentados; além de uma reflexão sobre o processo de envelhecimento dos homossexuais na atualidade.

Palavras-chave: homossexualidade - Ditadura Militar – HIV – cura - envelhecimento

1. Introdução:

As questões aqui abordadas dizem respeito a uma pequena parte da história das comunidades de Lésbicas, Gays, Bixas, Travestis e Transsexuais (LGBTs) ³do Rio Grande do Sul durante o período da Ditadura Militar, de 1964 a 1985, aos dias atuais.

O Texto foi feito a partir análise de um paralelo entre a história de vida de Romeu, um homossexual de 67 anos, que viveu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, durante o período da Ditadura Militar entre 1964 a 1985; seu processo de envelhecimento em um contexto de mudanças sociais em relação às visibilidades das comunidades LGBTs e a História da homossexualidade no Brasil.

A partir dessa análise, pretendo compreender de que modo esses indivíduos viveram, como foram suas condutas de visibilidade ao longo do tempo e de qual maneira esses sujeitos mantiveram suas práticas neste contexto. Além disso, acrescento a essa análise uma pequena

¹ Pós-graduanda do Curso de Pós-Graduação em Relações étnico-raciais, gênero e diferenças no contexto do ensino de História e Cultura Brasileiras, UFMS.

² Professor orientador do curso de Pós-Graduação em Relações étnico-raciais, gênero e diferenças no contexto do ensino de História e Cultura Brasileiras, UFMS.

³ LGBTTs é uma sigla utilizada para se referir a comunidade de homossexuais de Lésbicas, Gays, Bixas, Travestis e Transsexuais.

abordagem sobre a relação entre a homossexualidade e o HIV durante o período que vai de 1980 aos dias atuais.

Sabe-se que ainda hoje esses grupos lutam contra o preconceito e discriminação e muitos são vítimas das mais variadas formas de práticas LGBTfóbicas. Consoante a James Green e Renan Quinalha (2015) esse acontecimento ocasionou, a esses grupos, o ocultamento de sua sexualidade e invisibilidade de suas práticas, principalmente no período que diz respeito à Ditadura Militar, vigente durante os anos de 1964 a 1985, quando eram perseguidos e muitas vezes presos, por serem associados aos grupos comunistas e subversivos ao sistema heteronormativo vigente naquele contexto histórico. Como nos mostra os autores, “o regime militar encarava a homossexualidade como uma “semente” para a subversão comunista”. (GREEN e QUINALHA, 2015, p.14). Além disso, os autores afirmam o seguinte:

[...] os teóricos anticomunistas e as forças de segurança começaram a demonizar a identidade gay [...] como um complô arquitetado pelos inimigos do estado. Já nos anos de 1970, da abertura, reacionários dentro e fora do regime associaram a homossexualidade não só a outros movimentos de direitos (especialmente o feminismo e o black power) mas também a uma onda de subversão que chegava ao ápice. Segundo um suposto perito na Escola Superior de Guerra, em 1979, a “época contemporânea” punha a sociedade em perigo através da “busca pelo prazer imediato, o hedonismo coletivo (...), a desagregação familiar (...), à permissividade moral quase sem limites (...), a exacerbação da sexualidade e ao quase incentivo ao homossexualismo.” (GREEN e QUINALHA, 2015, p. 15)

Acerca da preocupação com a homossexualidade, conforme Cowan (2015), veio à tona na sociedade antes de 1964, quando as autoridades procuraram patologizar e controlar a homossexualidade como uma prática perigosa e degenerativa em relação à manutenção da ordem heteronormativa.

Nesse sentido, o autor explica o conceito formado pelos militares em relação à homossexualidade e que justificava, por parte destes as perseguições a esses sujeitos, segundo ele, a homossexualidade era vista como:

uma prática que estas autoridades associaram, com a subversão e a (in)segurança nacional. [...] discursos médicos patologizaram a inversão sexual, os “urnings” e o “terceiro sexo” ao longo da primeira metade do século XX. Estes discursos [...] nas décadas de 1960/1980 [...] informariam como as autoridades militares interpretaram e responderam ao desejo entre homens. Igualmente, homofobias da pré e pós-guerra tinham incluído vínculos [...] explícitos entre homossexuais, subversão comunista à noções de inviabilidade nacional ou dissolução social. Direitistas da época dos integralistas [...] caracterizaram a homossexualidade masculina como parte [...] de uma catástrofe moral que se originara numa “revolução” [...] Durante os anos iniciais

da Guerra Fria, policiais equipararam a homossexualidade com a suscetibilidade ao comunismo, e, portanto, prejuízo à segurança nacional. (COWAN, 2015, p. 28)⁴

Por outro lado, e em relação aos dias atuais, Peter Fry e Edward Mcrae (1985) falam que devemos enxergar o dilema da homossexualidade como uma questão política e cultural, e que as ideias associadas às práticas homossexuais variam de contexto, bem como, de cultura para cultura. Assim como, afirmam que existe uma lógica para a homossexualidade e suas práticas para cada cultura e sociedade, ora vista com preconceito, ora não. Somado a isso, Passamani (2006, p.122) afirma que “a homossexualidade é uma realidade historicamente construída e estabelecida [...] encarada como prática perfeitamente recorrente, em outras combatida como um mal abominável.”

Nesse sentido, minha proposta, aqui, é fazer um paralelo entre a história de vida⁵ de um homossexual de 67 anos, que viveu suas experiências homoafetivas, como por exemplo, suas repetidas entradas e saídas do “armário”⁶ e suas vivências e práticas, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, durante o período da Ditadura Militar, entre 1964 a 1985; seu processo de envelhecimento, levando em consideração que este sujeito contraiu o HIV, em um contexto de mudanças pós-ditadura de 1964 com a História da homossexualidade no Brasil. E a partir daí, entender como as populações LGBTs viveram suas condutas homossexuais⁷ neste contexto histórico aos dias atuais.

⁴ Cf. COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar**. 2014, p. 28. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

⁵ Cf. PASSAMANI, Guilherme R.. **Batalhas de confete no “Mar de Xarayés”**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade / Guilherme Rodrigues Passamani. – Campinas, SP: [s.n.], 2015. (p. 73-75) a história de vida se destaca por ser um mecanismo em que o entrevistado “narra sua existência através do tempo”. Ele mostra suas experiências e tenta transmitir o que vivenciou. É o interlocutor quem narra o que lhe parece mais importante ou mesmo o que deseja que seja conhecido. A história de vida não é um breve depoimento, relato ou resposta a perguntas. Ela demanda longo tempo e não se esgota em um único encontro”.

⁶ Cf. PASSAMANI, Guilherme R.. **Batalhas de confete no “Mar de Xarayés”**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade / Guilherme Rodrigues Passamani. – Campinas, SP: [s.n.], 2015. p. 126. Em relação à expressão “armário”, o autor explica que é utilizada para sujeitos homossexuais que querem permanecer com a condição de invisibilidade em relação às suas preferências sexuais perante ao meio social em que estão inseridos, e geralmente isso ocorre entre as classes mais altas, como uma forma de se proteger dos julgamentos indesejáveis e de preconceitos. Nesse sentido a expressão “sair do armário” é utilizada pelas camadas sociais urbanas mais altas, por sujeitos que optam permanecer no anonimato, ao invés de apresentar quem realmente são. Nesse sentido, sujeito sai ou entra “no armário” em função do contexto social em que está inserido de acordo com sua conveniência.

⁷ Cf. PASSAMANI, Guilherme R.. **Batalhas de confete no “Mar de Xarayés”**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade / Guilherme Rodrigues Passamani. – Campinas, SP: [s.n.], 2015. p.23-25.

2. Por que não um gaúcho gay?

Escolhi chamar meu interlocutor de Romeu, um senhor de 67 anos, alto, magro, branco, com o cabelo liso pintado de loiro, olhos azuis acinzentados, rosto quadrado com traços delicados e não usa barba. Sempre foi muito educado e calmo. Pertence à classe média, foi funcionário público e trabalhou na prefeitura de Porto Alegre até se aposentar. Hoje, vive sozinho em um apartamento no centro de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, do qual é proprietário; onde escolheu envelhecer, por ser a cidade que seu irmão mais novo reside, caso necessite de cuidados. Teve uma filha durante o período que foi casado. É portador do HIV, contraiu a doença devido ao estilo de vida que levou, de excessos, e ao justificar como contraiu a doença, comparou sua antiga vida com a vida que Cazuzza levou: *eu não me arrependo, tudo que o Cazuzza fez eu fiz igual*. Hoje se identifica como homossexual assumido.

Decidi utilizar o Rio Grande do Sul como local para minha pesquisa, por três motivos: por ser meu local de nascimento e ter vivido lá a maior parte de minha vida; por conhecer um homossexual da faixa etária dos 60 anos que concordou em ser meu interlocutor e pela cultura gaúcha “tradicionalista” enaltecida do “macho viril”, e que, por uma parte considerável da sociedade, é contrária a ideia da existência de um gaúcho gay.

À luz de Görjen (2017) em sua dissertação de mestrado “Homossexualidades na territorialidade tradicionalista gaúcha” as manifestações do tradicionalismo gaúcho prezam pela reprodução do cotidiano das antigas famílias gaúchas de cultura heteronormativa com ideais machistas, os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) são núcleos difusores de concepções identitárias conservadoras. Nesse sentido e para compreender melhor:

[...] na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso, na qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em seus vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (OLIVEN, 1992, p. 50)

Esse fato ocorre dentro dos Centros Tradicionalistas, desde a década de 1940, quando surgem, até a atualidade, como uma cultura tradicionalista enraizada na mentalidade coletiva da sociedade, e também, fora desta, ou seja:

é o movimento tradicionalista que dita como devem ser tratadas as tradições e como deve ser a sociabilidade do gaúcho tradicionalista. Não se observa, porém, que esse movimento, representado principalmente pelo CTG, pretende ser regulador ou normatizador da vida dos gaúchos fora espaços de culto à tradição, os CTGs. (LUVIZOTTO, 2010, p.52)

Em sua análise, Göerjen (2017) nos chama a atenção que devemos levar em consideração que uma boa parte da sociedade gaúcha não costuma frequentar os CTGs, e que a cultura gaúcha é tradicionalmente machista, conservadora e heteronormativa. Nesse sentido, como foram as condutas homossexuais das comunidades LGBTs? Suas vivências, práticas em relação à sexualidade? Onde eram seus pontos de encontros? Como eram vistos e como faziam para se omitir durante os 21 anos de ditadura militar devido à repressão por estes sofrida?

Em princípio, a maior dificuldade para realização da minha pesquisa, a qual eu não esperava, foi encontrar justamente interlocutores que em um primeiro momento eram em torno de 5 pessoas. Infelizmente, nem todos que acreditei consentir uma entrevista concordaram em ser entrevistados e colaborar com minha pesquisa. Creio que, por serem um público mais velho, acima dos 60 anos, pertencentes às camadas da classe média e da classe média alta da sociedade portoalegrense, por terem passado a maior parte da vida sem sair do armário, ou escondidos por trás de casamentos, vivendo suas experiências em segredo, não quiseram expor suas intimidades e optaram pela preservação de suas identidades, devido ao preconceito sofrido pelos grupos LGBTs.

Guilherme Passamani (2006) em seu artigo “Na batida da concha” problematiza essa questão de optar pela discrição em relação as relações homoafetivas para evitar a discriminação. O autor faz sua análise a partir das práticas homossexuais de jovens entre 18 e 25 anos, da cidade de Santa Maria, interior do RS, que devido ao preconceito, vivem suas experiências de forma não assumida. Ainda, afirma que a partir de suas percepções em relação a esses jovens, que estes representam:

olhares que mostraram uma sociedade gaúcha ainda presa o mito de um “homem à cavalo”, tentando faz-lo seu herói mais valente, mais homem e mais “macho”. Impondo-lhe valores e características mitológicas, que o fazia um ser maior que a condição humana. Esse ambiente de repulsa à homossexualidade fez com que os informantes construíssem uma vivência homossexual diferenciada das vivências homossexuais mais comuns, isto é, afastando-se dos ambientes de frequência gay e daqueles gays mais afeminados [...] A partir dessa tentativa de fugir de um suposto estereótipo é que se estabelecem as relações, as práticas e inclusive a caracterização de uma personalidade. (PASSAMANI, 2006, P. 132)

De acordo com o exposto, ainda hoje no interior do Rio Grande do Sul, as práticas homossexuais são omitidas por muitos sujeitos de diferentes grupos etários, mesmo considerando as diversas conquistas das comunidades LGBTs em relação ao preconceito na sociedade atual, creio que nos tempos passados o preconceito e a discriminação eram maiores,

o que justifica o fato de a maior parte destas comunidades optarem pela omissão de sua sexualidade e identidade, principalmente essa geração dos 60 anos em diante, faixa etária alvo da minha pesquisa, uma vez que, a maioria destes, opta, ainda hoje, por adotar uma identidade discreta em relação às suas opções sexuais, preferindo a invisibilidade de suas práticas.

Em relação às identidades, o ser humano pode adotar identidades múltiplas de acordo com sua conveniência e em relação ao contexto social no qual está inserido. Gøerjen (2017), analisa essa questão em relação às identidades a partir de uma série de entrevistas com sujeitos homossexuais que frequentam os CTGs, e que não se assumem naquele território. Afirma que cada um deles não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, ao contrário, a identidade é móvel, formada e transformada de acordo com os sistemas culturais em que estes sujeitos estão inseridos.

Um sujeito pode assumir identidades diferentes ou até conflitantes de acordo com: os momentos; as circunstâncias; os territórios, entendidos como parte do espaço geográfico apropriado por uma sociedade e sua cultura; e, as territorialidades, entendidas como subdivisões que compõe um determinado território, sendo que cada uma delas apresenta uma identidade, costume e cultura própria; por ele vivenciadas.

Conforme o autor, muitos sujeitos que frequentam os CTGs são homossexuais, mas não assumem essa identidade, mas sim uma identidade diferente, influenciada pela postura tradicionalista, dentro desses centros, diferente daquela identidade adotada em um outro ambiente/território.

A temática aqui abordada pode ser um desdobramento de uma trajetória de pesquisa no campo dos estudos de gênero e sexualidade de Porto Alegre, RS. Pensar nestas questões, a partir da história de vida de um homossexual e o seu envelhecer se torna relevante, pois, favorecerá uma maior conscientização social quanto às práticas vivenciadas pelas minorias LGBTs, principalmente quanto à discriminação e ao preconceito por estes sofridos e enfrentados ao longo dos tempos históricos.

Em concordância, portanto, com Guilherme Passamani (2006) quem sabe o diálogo em relação a estas populações que ainda mantém suas práticas invisíveis e em segredo, possamos assim conhecer as razões e implicações deste segredo e encontraremos quem sabe uma “chave para a compreensão de várias outras questões, como por exemplo, a forma de convívio entre os héteros e homossexuais [...]” (Passamani, 2006, p.121).

2.1 Homossexualidade no Brasil durante a Ditadura Militar de 1964.

No Brasil, no período da Ditadura Militar entre 1964 a 1985, segundo Green, (2015, p. 14) constituiu-se um aparato de repressão política sustentado por dois pilares:

[...] uma dimensão saneadora (aquela que tinha a incumbência de prender, interrogar, torturar e até mesmo matar os inimigos do regime) e outra, [...] pedagógica. Essas duas compõem o [...] “cimento ideológico” que reuniu os diferentes grupos que davam sustentação ao regime militar: trata-se da utopia autoritária segundo a qual – para aquelas pessoas – seria possível tornar o Brasil uma grande potência, desde que fossem eliminados ou corrigidos os “obstáculos” que se contrapunham a tal objetivo.

Nesse sentido, tudo que corrompesse a moral e os bons costumes da sociedade vigente, heteronormativa, conservadora e anticomunista, como por exemplo, aqueles indivíduos que tinham uma conduta sexual “desviante” dos padrões, os ditos homossexuais, deveriam ser corrigidos.

Essa doutrina de repressão vigorou em todo território Nacional, perseguindo homossexuais, tanto em locais públicos, considerados pontos de encontro, como por exemplo, boates, quanto, até mesmo, em órgãos públicos, onde muitos de seus funcionários foram exonerados por terem condutas homossexuais. Além disso, diversos músicos, atores, figuras públicas foram afastados dos meios de comunicação para não dar o “mau exemplo” à sociedade, principalmente a partir do AI-5, de 1968 e a imposição à censura. Ainda em Green (2015, p. 15):

a Comissão de Investigação Sumária, criada por Magalhães Pinto, também teve esse perfil misto. Ela propôs a punição de pessoas acusadas de “prática de homossexualismo”, de “incontinência pública escandalosa”, “embriagues”, “instabilidade emocional”, “uso de entorpecentes”, mas também pretendeu afastar funcionários tidos como perigosos para a segurança nacional.

De acordo com Green (2015) essa paranoia que fazia uma articulação entre “desvio moral” e “subversão” fazia parte das táticas utilizada pelos militares para barrar o avanço do comunismo no Brasil. Nesse sentido, todo o “desviante”, poderia ser uma porta de entrada para o comunismo. Um outro lado interessante e novo em relação aos quadros homofóbicos durante o período das ditaduras americanas, foi que Stalin, através do Estatuto de 1934, criminaliza a homossexualidade, como resultado disso, tem-se “a expulsão de 200 mil pessoas, e entre elas homossexuais, de Cuba, pelo governo de Fidel Castro.” Em relação esse episódio Green comenta que:

como foi amplamente documentado, nos primeiros anos da Revolução Cubana, o Partido Comunista Cubano não estava muito longe da política soviética a respeito das homossexualidades. Combinado ao moralismo católico tradicional com as correntes noções que ligavam o homoerotismo ao desvio sexual bem como ao turismo sexual, os líderes cubanos associavam o comportamento não normativos dos homens cubanos à fraqueza moral e falta de fervor revolucionário. (GREEN, 2003, p. 33)

Ainda assim, por mais reprimidas que fossem, as práticas homossexuais continuaram, os pontos de encontros passaram a ser em locais mais reservados e discretos, como em propriedades privadas ou em casas noturnas que não chamassem a atenção. Conforme Passamani, (2010, p. 4):

o regime não tolerava a oposição. Portanto, os exílios foram muito constantes e as reuniões públicas eram reprimidas, mas tudo aquilo que não era visto, era permitido, ou seja, desde que você aparentemente não se opusesse ao regime e articulasse suas reuniões privadas de forma a não chamar a atenção, ou mesmo que as casas de espetáculos não fossem ofensivas à dita moralidade e os bons costumes, tudo poderia acontecer.

Essa discussão também é feita por Benjamin Cowan (2015), no texto intitulado “Homossexualidade, ideologia e subversão no regime militar”, ao afirmar que os militares, durante o período da ditadura de 1964 a 1985, viam os homossexuais como uma prática perigosa ligada ao gênero, degenerativa da moral e dos bons costumes, e que devido a isso eram considerados subversivos e suas práticas eram reprimidas. Neste período, segundo o autor, os militares associavam que o alvo dos comunistas eram os jovens, facilmente corrompíveis pelo uso da maconha e pelas práticas homoafetivas.

No Brasil, os primeiros ativistas políticos que lutaram em defesa dos direitos LGBTs, surgiram das esquerdas moderadas, como, por exemplo, o Grupo de Afirmação Homossexual, conhecido como o grupo “Somos”, e que foi fundado em 1978. Este, realizou uma atuação importante na luta pela democracia e justiça social, que de acordo com Green (2014), teve uma atuação pouco reconhecida e raramente lembrada pela História recente do Brasil. Esse movimento conseguiu criar formas de luta e resistência, como maneiras de organização para sobreviver e criar as bases do movimento LGBTs brasileiro⁸.

⁸Sobre o Grupo “Somos” ver em GREEN, James N.. **O grupo SOMOS, a esquerda e a resistência à Ditadura**. P. 177-200. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

2.2 A Ditadura Militar de 1964 no Rio Grande do Sul vista pelo olhar de Romeu

Romeu, pseudônimo do meu interlocutor, um homem de orientação sexual homossexual, de 67 anos, viveu sua infância e início da adolescência em Montenegro, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, passou a maior parte de sua vida em Porto Alegre, capital do estado, onde, em um primeiro momento experimentou a “saída do armário”⁹ e devido aos regimes de visibilidade¹⁰ das condutas homossexuais do período analisado, optou por “entrar no armário”, e lá ficar na ocultação da sua sexualidade, por trás de um casamento, até seu divórcio e posterior vida de liberdade que perdura até os dias atuais.

Romeu, nasceu no ano de 1952, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e viveu sua infância no interior do estado, na cidade de Montenegro. Pertencia a uma família conservadora e com posses, seu pai criava gado de corte em uma propriedade de tamanho médio, tinha um posto de gasolina e uma fábrica de tijolos e telhas. De acordo com a entrevista, ele sempre soube ser diferente, e que as pessoas de sua convivência, principalmente na escola sabiam disso, sua mãe sempre soube e seu pai não aceitava o fato de ele ser “diferente”.

Eu sempre soube que eu era diferente... desde sempre... na infância... na escola... os meninos riam de mim... pelo meu jeito... pelos meus gostos... Meus pais sempre souberam...minha mãe sempre entendeu... Meu pai não... Não aceitava muito bem... Achava que eu era doente...

Nosso entrevistado entendeu que preferia homens em relação às mulheres e assumiu para si mesmo sua homossexualidade quando teve seu primeiro relacionamento, por volta dos 16 anos, com um homem bem mais velho que ele, aproximadamente 40 anos de idade, pelo qual se apaixonou. Esse relacionamento era escondido, pelo fato de seu parceiro ser casado e ter uma família, para proteger a si de seu pai, que não aceitava ter um filho gay. Conforme Romeu:

aos 16 ou 17 anos mais ou menos eu me entendi... e vi que gostava de homens...foi a idade que tive meu primeiro relacionamento...com um homem mais velho... eu me apaixonei... foi muito bom... hoje seria pedofilia do cara...ele tinha mais de 40...

⁹Cf. SAGGESE, Gustavo Santa Roza. 2009. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, IMS/UERJ. A literatura política que sucedeu o episódio de Stonewall, no anos de 1969, nos Estados Unidos, que dá início ao Dia Internacional do Orgulho gay, aponta os problemas da visibilidade de um homossexual pela sociedade, sugerindo a existência de um “armário” onde muitos homossexuais ainda se escondiam a fim de evitar represálias da sociedade. Essa mesma literatura apontava para a necessidade de sair dele (o coming out) como a única forma de legitimar as demandas por direitos e reconhecimento público.

¹⁰ Cf. GÖERJEN, 2017, p. 34-45.

Essa descoberta de si mesmo ocorreu por volta de 1968, durante a Ditadura militar que vai de 1964 a 1985, um ano considerado de endurecimento do regime militar em que foi instaurado o AI-5, que impôs a censura, permitiu a tortura para presos políticos e do regime saneador da sociedade, em relação a todas as pessoas consideradas subversivas ao sistema e à moral e os bons costumes, como os homossexuais. Em relação às ações sociais saneadoras realizadas pelos militares, Morando (2015) nos diz que:

essas ações [...] convergiam para um campo ideológico cuja a base era a repressão ao “desviante” como forma de sanear o espaço urbano e a convivência social. Entre ladrões, vadios, mulheres do *trottoir*, maconheiros, aliciadores de menores, estupradores, viciados, homicidas, a população de gay, e travestis era visada como pertencente àquela marginalia. (MORANDO, 2015, p. 78)¹¹

Logo em seguida Romeu mudou-se para Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, para poder cursar a graduação de Arquitetura, a qual concluiu, mas não se diplomou. Nesse período, viveu suas experiências homoeróticas e afetivas mais livremente, sem um controle da família, mas ainda assim, discretamente, devido aos regimes de visibilidades da sociedade em relação a homossexualidade no período e ao contexto da ditadura militar.

Ele fala que os locais de ponto de encontro eram em bares e boates gay do período, localizadas no centro de Porto Alegre, as quais não eram muito conhecidas. As pessoas que frequentavam estes lugares eram somente as comunidades LGBTs. E ele afirmou que “...*Só iam as bichas... não iam outras pessoas... Quando a gente ia transar ia para casa de alguém...*” e explicou que nestas “*festas*”, ou seja nas boates e bares, que “*Tinha de tudo... Só ia Bicha, sapatão... A gente se encontrava antes... bebia... depois ia pra boate... depois levava para motel ou ia para casa dos caras...*”. Nesse período somente os amigos mais íntimos sabiam de sua sexualidade, a família não.

Romeu disse que viver suas experiências durante a Ditadura Militar de 1964-1985 foi tranquilo, mas para ser realmente “tranquilo” era tudo escondido, pois a maioria da sociedade não via com bons olhos a homossexualidade, e devido a isso, os lugares que eles frequentavam eram em locais próprios, não se misturavam ou se assumiam em público. Por outro lado, existia outro motivo, se os militares pegassem *algum mais assumido*, prendiam, batiam e depois

¹¹ Cf. MORANDO, Luiz. **Por Debaixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969)**. 2014, p. 78. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

soltavam. Ao perguntar para Romeu como os homossexuais eram vistos pela sociedade e como foi para ele viver durante o período sua sexualidade, ele afirma:

Ah! As pessoas não gostavam muito... achavam feio... quem era bicha ou sapatão não se misturava muito... era tudo separado... os lugares que a gente ia... não se misturavam... se andasse de mãozinha como é hoje era um abuso... uma ofensa... os militares prendiam... davam uma surra... depois soltavam...os militares não gostavam...

Ainda assim, ao perguntar a Romeu se ele conhecia alguém que foi repreendido ou agredido por algum militar por ser gay ele relatou que “*Não. Era tudo muito discreto... lugares próprios... boates... no centro de Porto Alegre...Tinha uns que eram presos e apanhavam... depois soltavam... se ficassem juntos na rua... as pessoas achavam abuso...*” Nesse sentido, de acordo com a entrevista, esse era um fator que fazia com que ele, e muitos outros homossexuais, preferissem ser discretos em relação aos seus regimes de visibilidade, no período, evitando assim um possível confronto com os militares. Inclusive, Green e Quinalha (2015) analisam o seguinte:

muitos gays e lésbicas criados na ideologia da ditadura tinham medo de qualquer atuação política e estavam contra a ideia da organização política desses grupos. Para quê? – argumentaram. Existiam bares, boates, restaurantes, saunas e outros lugares sociais. Quem era da classe média e dos setores mais abastados tinha recursos para sair nos fins de semana e curtir a vida noturna. Essas pessoas poderiam conseguir um apartamento, criar uma rede de amigas ou amigos e formar uma vida social satisfatória. Muitas pessoas não poderiam imaginar alguma coisa melhor. (GREEN e QUINALHA, 2015, pg. 23)

Consoante aos autores, os sujeitos LGBTs, daquele período da ditadura, preferiam ser discretos em suas práticas e ficarem longe de possíveis confrontos. Deve-se considerar que a maioria deles, assim como Romeu, possuíam sua rede de sociabilidade, mantinham suas relações sociais, bem como as práticas homossexuais discretamente, longe dos olhos da maioria das pessoas. Não havia um porquê de modificar essa relativa tranquilidade, no contexto histórico social e político do período, e nosso interlocutor, de certa forma faz parte destes grupos, que preferem continuar com suas práticas de forma pacífica e discreta.

De acordo com o exposto até então, entre os 14 e os 26 anos Romeu viveu a suas primeiras experiências homoafetivas no período da faculdade, na capital do estado, de forma discreta, pois queria preservar uma identidade que não assumia perante a família, nessa primeira fase de sua vida. O que acontecia era longe desta, e segundo ele, somente perante alguns amigos e primos, os mais íntimos, ele assumia sua sexualidade. Ao agir desta forma, se escondia dentro do armário, para não ir de encontro com os militares e com as medidas saneadoras que estes

executavam na maioria das regiões do país, e por outro lado, Romeu teve sua rede de amigos e amigas e locais específicos e discretos para as práticas LGBTs, não havia necessidade de se expor. Segundo Romeu, *“a gente não podia aparecer assim, na frente das pessoas, era errado, feio e proibido. Deus me livre na frente dos militares, a gente apanhava [...]”*

Guilherme Passamani (2010), em sua dissertação de mestrado “O Arco-íris (des)coberto: homossexualidades masculinas, movimentos sociais, e identidades regionais – os casos de Porto Alegre e Buenos Aires” observa que a repressão ocorreu de forma mais forte no Brasil em São Paulo e Rio de Janeiro, onde os grupos revolucionários comunistas agiam com frequência. Em capitais com um número menor de habitantes como Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a repressão foi mais branda, nesse sentido, se os sujeitos LGBTs fossem discretos em suas práticas homoafetivas, passavam despercebidos pelos militares. Esse fato é apontado na história de vida de Romeu, como exposto anteriormente.

Essa análise é consoante ao texto de Rafael Freitas “As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982)” que fala sobre a questão da Lei da Vadiagem ser utilizada como contravenção penal, como justificativa para a combater as “homossexualidades e as travestilidades” na cidade de São Paulo.¹² Bem como, com a visão apresentada por Luis Morando, intitulado “Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963–1969)”, que versa sobre as constantes atuações de policiais civis e militares a respeito de gays e travestis em Belo Horizonte, no qual os militares realizaram uma “ação de limpeza” na cidade, através de blitz, com o objetivo de realizar a detenção de travestis, homossexuais e prostitutas¹³. Ambos autores falam da repressão aos homossexuais, travestis e diversas pessoas de conduta desviante, em duas das maiores principais capitais brasileiras, São Paulo e Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais.

¹²Cf. OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982), p. 149-175. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

¹³ Cf. MORANDO, Luiz. **Por Debaixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969)**. 2014, p. 52-78. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

2.3 O casamento como tentativa de “cura”.

Foi em nossa segunda conversa que Romeu se sentiu mais à vontade e falou sobre os anos em que foi casado e de seu tratamento psiquiátrico, pois tanto ele quanto sua família acreditavam que a homossexualidade era uma doença, como muitas pessoas do contexto histórico em questão.

Foucault (2015), aborda a temática em relação à essa concepção, dizendo que entre o século XIX e 1940, a regulação do sexo e de tudo o que diz respeito às mais variadas formas de sexualidade foi feita através de discursos canônicos, na qual a homossexualidade era considerada um pecado grave: na medicina; psiquiatria; psicologia; no Jurídico e na pedagogia. O autor salienta que, a partir daí, os homossexuais, tornaram-se personagens das “sensações sexuais contrárias” (FOUCAULT, 2015, p. 48) à natalidade e à família. Eram, portanto, considerados portadores de patologias sexuais, ou seja, pessoas doentes, destinados a viver confinados em sanatórios até sua possível “cura”, essa concepção permaneceu até 1970, quando a homossexualidade deixou de ser considerada, pela medicina, uma doença.

Romeu contou que começou a fazer tratamento psiquiátrico durante o período que esteve na faculdade, e foi sua mãe quem o convenceu a fazê-lo. Segundo nosso interlocutor, casou-se por orientação de seu psiquiatra, que acreditava que seria uma tentativa de “cura”.

“Casei porque meu psiquiatra achou que seria melhor para mim, que eu poderia mudar o que eu sou, o que não aconteceu [...] Meu pai inclusive me perguntou se era isso que eu realmente queria, e eu disse que sim. Inclusive, foi aí que vi que meu pai sempre soube que eu era diferente e que não tinha raiva de mim, acho que, no fundo, me aceitava”.

É interessante notar que, Foucault (2015) em “História da Sexualidade: a vontade de saber” salienta que a psiquiatria, desde meados do século XIX, era uma forma de tratamento não só da homossexualidade, mas também de outras patologias relacionadas a desvios sexuais contrários às normas heterossexuais consideradas normais, ou seja somente o sexo entre homes e mulheres, sem muitas extravagâncias, era permitido. A medicina psiquiátrica apropriou-se da confissão como forma de extrair do indivíduo uma verdade oculta. De acordo com o autor:

através de uma codificação clínica do fazer falar: combinar a confissão com o exame, a narração de si mesmo com o desenrolar de um conjunto de sinais e de sintonias decifráveis; o interrogatório cerrado, a hipnose com a evocação das lembranças, as associações livres: eis alguns meios para reinscrever o procedimento da confissão como um campo de observações cientificamente aceitáveis. (FOUCAULT, 2015, p.73)

Foucault (2015), analisa que logo após o psiquiatra extrair a verdade, através da hermenêutica, a decifrava. Nesse sentido, seus efeitos eram recodificados na forma de operações terapêuticas para posteriormente, como consequência do tratamento, conseguir a cura, o que significava que:

[...] o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão, e sim no regime [...] do normal e do patológico; define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta. [...] a confissão ganhará sentido e se tornará necessária entre as intervenções médicas: exigida pelo médico, indispensável ao diagnóstico e, eficaz, por si mesma, na cura. A verdade cura quando dita à tempo, quando dita à quem é devido e por que é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável. (FOUCAULT, 2015, p.76)

Nesse sentido, foi por causa desta concepção que se difundiu pelo mundo, através dos discursos da medicina, que Romeu se considerava uma pessoa doente, e buscou a cura para sua patologia, através do tratamento psiquiátrico. Seguindo as orientações de seu psiquiatra, que via no casamento uma possibilidade de cura da homossexualidade, nosso interlocutor casou-se aos 26 anos, no ano de 1978, durante o governo de Ernesto Geisel e o início da abertura democrática. Conheceu sua esposa em um carnaval em um clube em Tramandaí, cidade localizada no litoral do Rio Grande do Sul. Ele falou que gostou dela e em seguida começaram a namorar e em menos de um ano noivaram e casaram. Foi nesse período que nosso interlocutor começou a trabalhar na prefeitura de Porto Alegre, como desenhista e estagiário de arquitetura. Com o tempo, ele fez mais três concursos públicos, nos quais foi aprovado e mudou de setor, foi para a Secretaria da Fazenda, lá trabalhou até se aposentar, aos 58 anos.

Três anos após se casar nasceu sua única filha, e quatro anos após seu nascimento, Romeu e sua esposa se separaram. Ao o questionar o porquê da separação e se tinha haver com o fato de ele ser homossexual, ele conta que eles brigavam muito, por terem “*incompatibilidade psíquica*” e que ela não desconfiava em relação ao que ele realmente era. Em nossas conversas perguntei se ele teve amantes homens durante o período em que foi casado, e a resposta foi positiva, um número de três relacionamentos homoafetivos extraconjugais, pois ele continuava a sentir desejo por homens. De acordo com Romeu: “*Sim... uns três... eu mentia... marcava encontros... não me apaixonei por ela como por algum homem... chegou um ponto que não deu mais... separei...*”.

Como nosso interlocutor fazia tratamento psiquiátrico, perguntei se ele tinha preconceito em relação a si mesmo, e ele me respondeu que

“[...] eu não me aceito do jeito que sou, queria ser diferente, mas não posso. Por isso que me tratei com psiquiatras a vida inteira e me trato até hoje. Minha psiquiatra me diz que eu devo me soltar mais hoje, ter alguém. Minha mãe, antes de falecer, dizia que eu deveria ter alguém, que eu era muito sozinho. Me considero assexuado hoje. Ainda tenho preconceito comigo mesmo.”

É interessante analisar o preconceito que Romeu tinha com ele mesmo. Considero um resultado do contexto histórico no qual Romeu estava inserido, pois como foi visto a partir de Foucault (2015), até meados da década de 1970 a homossexualidade era considerada uma patologia pela medicina e devido a essa questão Romeu fazia tratamento psiquiátrico. Além disso, há um outro ponto a se levar em consideração: a conjuntura dos homossexuais serem vistos pela Ditadura Militar de 1964 a 1985 como pessoas de condutas desviantes na sociedade. Esses pontos explicam o produto da não aceitação de Romeu e, ainda, ver o casamento como uma tentativa de “cura” de sua “patologia”. Possivelmente essa era uma realidade vivida muitos outros sujeitos como Romeu, naquele contexto histórico.

2.4 A saída do *armário*: um período de rebeldia e o HIV.

Romeu conta que após seu divórcio, aos 35 anos, depois de nove anos casado, se assumiu como um homossexual perante a sociedade, amigos e família, incluindo pai e mãe. Contou que era discreto, pois ainda havia muito preconceito na sociedade e eram os anos de transição da abertura democrática, no final da ditadura. Se falava em Anistia, na volta do pluripartidarismo, a repressão abrandou, mas de acordo com nosso interlocutor, os homossexuais do período continuavam discretos em relação às suas práticas, *“[...]por via das dúvidas nós éramos discretos. Lembro até de revistas de pornô gay nas bancas para vender, dos travestis nos carnavais, mas era tudo discreto.”* Ele lembrou das boates que frequentava com amigos, localizadas em locais discretos e que continuavam sendo o ponto de encontro das populações LGBTs, bem como festas privadas.

Em relação à reação dos familiares quanto a saída do *armário*, Romeu lembrou-se que a maioria aceitou “*numa boa*” e sempre respeitaram sua escolha, inclusive sua ex-mulher que sempre foi uma amiga próxima. Segundo ele, sua mãe sempre soube, com a ressalva de o incentivar a se tratar com psiquiatras, era compreensiva e o apoiava; bem como seu irmão e primos. Quanto ao seu pai, ele lembrou que *“sempre que eu e meu irmão estávamos juntos na*

casa de nossos pais, meu pai passava por mim e acariciava minha cabeça, e falava de negócios com meu irmão. Acredito que ele já aceitava e que sempre soube que eu era assim.”

Quanto aos seus colegas de trabalho, Romeu fala que sempre foi muito respeitado por todos e ainda assim, se manteve discreto e sempre se vestiu como homem. Ele lembrou que por parte da família, seus primos sempre o protegeram, principalmente em relação às práticas homofóbicas, e estavam sempre por perto. Nosso interlocutor conta de um primo que era médico, que se preocupava muito com a saúde dele, e que *“sempre me deu injeções de antibióticos e vitaminas em mim e em meus namorados, para me fortalecer e não ficar doente”*. Esse fato ocorreu na década de 1980, quando a AIDS veio à tona e era o fantasma das populações LGBTs. Em relação ao estigma homossexualidade/AIDS, na década de 1980, Daniel e Parker (1991) analisam o seguinte:

o advento da AIDS, no início dos anos 80, complexificou estas relações e serviu de motivo para o recrudescimento de preconceitos contra os homossexuais, e a própria homossexualidade masculina se transformou num sinônimo de AIDS. No início, a associação chegou a tal ponto que a doença, recém-descoberta, chegou a ser chamada de GRID (Gay Related Immunodeficiency) nos meios científicos e de *câncer gay, peste gay* ou *peste rosa* pela imprensa e pela opinião pública (Daniel; Parker, 1991).

Ainda hoje, mesmo 20 anos após o início da epidemia da AIDS, a doença ainda é associada como uma patologia pertencente aos grupos LGBTs, Veriano Terto Jr (2001) afirma que:

passados 20 anos, a AIDS continua um grave problema no cotidiano dos homossexuais masculinos. As representações sociais que identificavam os homossexuais ora como vilões, ora como vítimas da AIDS, ainda permanecem e fazem com que, individualmente, continuem a sofrer com os estigmas e preconceitos decorrentes da associação AIDS-homossexualidade e pela possibilidade de vir a infectar-se com o HIV, caso não sejam adotadas práticas sexuais seguras. Coletivamente, a epidemia ainda se impõe como um problema que exige respostas de diferentes setores governamentais e demanda mobilização para que recursos sejam garantidos e aplicados na prevenção e assistência, para que a discriminação e o preconceito sejam denunciados e punidos, para que os direitos humanos sejam respeitados. (TERTO, 2001, p. 2)

Um episódio que marcou a vida de Romeu foi quando se apaixonou por *“ [...] um cara mais novo que eu, o Felipe (nome fictício), ele era homem e gostava de mulher e de mim, era apaixonado por mim. Conheci e convivia até com a família dele, que aceitava nosso relacionamento numa boa.”* De acordo com suas lembranças ele tinha em torno de 40 anos e Felipe *“vinte e poucos anos”*. Creio que foi o amor de sua vida, mas Felipe levou Romeu ao fundo do poço, pois ele era usuário de drogas, dentre elas, consumia cocaína e heroína. Nosso

interlocutor conta que “ [...] enquanto o Felipe se picava eu bebia caipirinha, como eu gostava de caipirinha, aliás sempre gostei. Virei alcóolatra.”

Em seu relato, Romeu falou que começou a beber todos os dias, que era ciumento com o Felipe e que seguido fazia escândalos na rua, por supostas traições por parte de seu amante. Esse relacionamento durou em torno de 3 anos, até nosso interlocutor perder seu apartamento e carro por dívidas, pois gastou todo seu dinheiro com o Felipe; e ser internado pela família em uma clínica psiquiátrica, devido ao alcoolismo, onde fez tratamento por um longo período de tempo. Em seguida, depois de sua recuperação e de fazer uma plástica no rosto, após desinchar devido ao consumo de álcool, descobriu que havia contraído o HIV (Vírus da imunodeficiência humana), vírus causador da AIDS, que ataca o sistema imunológico¹⁴. Esse fato ocorreu na década de 1980, um período onde os homossexuais, considerados grupos de risco, contraíam a doença, que era considerada uma sentença de morte. Muitos morreram em decorrência da AIDS, como Cazuzza, Freddie Mércure e outros tantos.

Em relação a este período com Felipe, Romeu lembrou que “[...] a gente fumava maconha...eu bebia... era louco por ele... ele usava droga...acho que peguei HIV dele... Mas não tenho certeza... Achei que ia morrer... Foi difícil...” Em seguida, após relembrar de Felipe e suas experiências, de afirmou de forma enfática:

Na época do Cazuzza... Tudo que o cazuzza fez eu fiz...Tudo... E também peguei HIV... Como ele... Só não robei, nem matei... Depois que eu peguei HIV não fiz mais nada... Eu tinha preconceito comigo mesmo... As pessoas não tinham preconceito... Fiz tratamento psiquiátrico... Mas tenho esse preconceito comigo até hoje.... Minha mãe dizia para eu arranjar alguém... Mas nunca consegui...

Após este relato, perguntei a Romeu se após o Felipe teve outro relacionamento e sua resposta foi:

olha, até hoje eu olho para os caras, mas acho que sou assexuado, porque eu não tive mais relação, pois eu tenho medo de passar HIV para as outras pessoas, mesmo com camisinha... Hoje acho que sou assexuado... Saio... Mas olho para os cara e não consigo...

¹⁴ De acordo com <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>, O HIV é um retrovírus, classificado na subfamília dos *Lentiviridae*. Esses vírus compartilham algumas propriedades comuns: período de incubação prolongado antes do surgimento dos sintomas da doença, infecção das células do sangue e do sistema nervoso e supressão do sistema imune. HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da aids, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. E é alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção.

Após ter contraído o HIV Romeu se isolou em um mundo à parte e nunca mais se permitiu ter outro relacionamento por medo de infectar novos amantes. De acordo com ele, diz que tem agora um duplo preconceito consigo: ser homossexual e ter contraído o HIV. Ainda assim afirmou não se arrepender de nada do que tenha feito em sua vida. Devido a esse duplo preconceito continuou seu tratamento psiquiátrico, e com um quadro de depressão agravado, começou a tomar medicamentos. Ainda assim, nosso interlocutor busca a partir deste tratamento, tentar mudar essa concepção preconceituosa de si mesmo, e quem sabe um dia novamente ser feliz amorosamente.

É interessante salientar que o quadro clínico de nosso interlocutor vai de encontro com alguns dados da pesquisa de André Malbergiera e Adriana C. Schöffelc, “Tratamento de depressão em indivíduos infectados pelo HIV” do Departamento e Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FM/USP), os autores afirmam que a infecção pelo HIV/Aids é frequentemente associada a transtornos psiquiátricos e dentre eles, a depressão é o mais comum:

um estudo com homossexuais masculinos infectados pelo HIV e assintomáticos observou que 35,5% dos indivíduos avaliados apresentavam o diagnóstico de depressão ao longo da vida. Outros estudos também encontraram prevalências ao redor de 30% a 35% de depressão ao longo da vida entre homossexuais masculinos HIV positivos e assintomáticos. É importante destacar que esses estudos não encontraram diferenças nas taxas de prevalência entre homossexuais masculinos infectados e não infectados. A prevalência, no momento da avaliação, de depressão maior em homossexuais infectados pelo HIV é em torno de duas vezes maior do que na população geral e está dentro da variação encontrada em outras doenças crônicas (5% a 8%). Em pacientes hospitalizados, essa prevalência é maior, variando de 30% a 40%. (MALBERGIERA e SCHÖFFELC, 2001, p. 161)

Em suma, ao ser questionado sobre como foi viver durante o processo de redemocratização no Brasil, entre 1979 a 1985, período que Romeu “*se perdeu*”, como ele mesmo fala, nosso interlocutor conta que as pessoas ainda achavam errado ser homossexual, além de a homossexualidade ser ainda considerada uma patologia por muitas pessoas do senso comum. Nesse período, de acordo com Romeu, as populações LGBTs eram discretas em suas práticas, tinham seus locais próprios de encontro, como em boates *gays*, nas casas de amigos e ainda alguns se arriscavam em motéis.

As vivências destes sujeitos eram discretas e sem muita visibilidade. Desde que fosse desta forma, estes sujeitos não eram vistos e não sofreriam repressão, passando despercebidos pelos militares. E de acordo com as vivências de Romeu, acredito que foi assim também na capital do Rio Grande do Sul.

2.5 Envelhecimento e a aposentadoria em relação a vida pessoal.

Nosso interlocutor chegou à terceira idade com um saldo negativo em relação à saúde: contraiu o HIV, e como consequência, toma coquetéis de medicamentos visando o controle da Aids; é, e sempre foi sedentário, nunca teve uma alimentação saudável, “[...] *sempre comi carne gorda de churrasco e quando caminho eu fumo [...]*”, portanto, tem colesterol e triglicérides acima do normal; teve dois infartos e ainda fez duas cirurgias para remover aneurismas; além destas, fez quinze angioplastias coronárias. Fora isso, e para completar seu quadro clínico, é alcólatra e fumante. Ao perguntar a Romeu sobre como foi o seu processo de envelhecimento, sem titubear fala que “[...] *tu não pensa que envelhecer é bom, como se fala. A terceira idade e todo mundo feliz... O cérebro manda e o corpo não obedece; tu pensa que vai conseguir subir uma escada e vê que não dá, que não tem força [...]*”.

Sua condição financeira é estável, tem um imóvel, no centro de São Leopoldo, cidade localizada na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul; é servidor público aposentado, portanto recebe um bom benefício, que de acordo com Romeu, é suficiente para ele. Não possui carro, preferindo utilizar o aplicativo Uber, quando necessário. Escolheu São Leopoldo porque seu irmão vive lá e sua falecida mãe também, de quem sente muita falta, pois segundo ele “[...] *minha mãe era a pessoa que mais me compreendia [...]*”. Prefere ficar perto da família devido a sua condição de saúde. Consegue comprar seus medicamentos, e por ser muito vaidoso, vai sempre a um salão de beleza na frente de seu Condomínio, onde faz as unhas semanalmente e cuida de seu cabelo, mantendo-se sempre bem arrumado.

Levando em consideração seus problemas de saúde, Romeu não vê a velhice de uma forma positiva, ao contrário, de acordo com nossa última conversa, ele se sente cansado devido a saúde ser debilitada, sente-se solitário e ainda não aceita ser homossexual, logo, é depressivo e mantém seu tratamento psiquiátrico. Como ele mesmo falou: “[...] *fiz tratamento psiquiátrico a vida inteira e ainda faço, inclusive minha psiquiatra tenta me convencer de ter um companheiro, mas eu não quero passar o HIV para alguém, nunca iria me perdoar se contagiasse alguém*”.

Esse sentimento de não aceitação de sua condição como homossexual na velhice, é uma consequência desta busca incessante durante a adolescência e na vida adulta, não só o aceitar-se, mas também a aceitação da sociedade em relação a sua orientação sexual. Alex Toledo Ceará e Paulo Dalgalarro (2009), abordam essa questão, em sua pesquisa sobre os transtornos

mentais como a depressão em homossexuais durante a velhice, bem como a saúde mental e qualidade de vida destes sujeitos, apresentada no artigo “Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice”. Essa pesquisa foi feita a partir de uma amostra de 40 sujeitos de orientação homossexual, sendo 20 femininos e 20 masculinos. De acordo com os autores, “15 sujeitos que tinham algum transtorno mental, 13 (32,5%) já vivenciaram sentimentos de vergonha diante da sua orientação sexual.” (Ceará, Dalgalarondo, 2009) Esse sentimento de vergonha, de acordo com os autores, são indicativos de homofobia internalizada, ou seja, preconceito de si mesmo e não aceitação de sua própria orientação sexual.

Quanto aos sentimentos de vergonha diante da orientação homossexual, possíveis indicativos de homofobia internalizada, mais da metade dos sujeitos afirmaram já ter experienciado esse sentimento, com 24 (60%) casos positivos contra 16 (40%) que alegaram nunca ter sentido vergonha da orientação. [...] a população de SOHom de maior idade teve mais contato com ideologias heterossexistas, desenvolvendo possivelmente mais sentimentos homofóbicos como a vergonha detectada no presente estudo. Ainda assim, notam-se sentidos diferenciados nos posicionamentos quanto à vergonha, indicando-se, em alguns momentos, sua superação na vida adulta avançada e na velhice. Nesses casos, o sentimento de vergonha da orientação sexual foi relacionado com fases anteriores da vida, como a adulta inicial e a adolescência. (CEARA, DALGALARRONDO, 2009, p. 121)

Nesse sentido, o fato da não aceitação de si mesmo como homossexual, combinado com HIV, faz com que Romeu se anule socialmente, emocionalmente e sexualmente, reservando para si, somente o convívio com a família e amigos mais íntimos, bem como as idas e vindas a médicos e psiquiatras. Consoante Ceará e Dalgalarondo (2009), é interessante notar que, essa situação obviamente não se generaliza na velhice entre os homossexuais, segundo os autores, quando analisam a respeito da qualidade de vida dos sujeitos de orientação homossexual, apontam que mais da metade daqueles sujeitos que se aceitaram sua opção sexual, tem uma melhor qualidade de vida que sujeitos de orientação heterossexual, pois além de se assumirem perante a sociedade; por muitas vezes não terem construído uma família dentro dos padrões da sociedade heteronormativa, e por terem passado a maior parte da vida solteiros, hoje na velhice, possuem uma rede de contatos muito maior, bem como amigos, diferente daqueles sujeitos heterossexuais.

O pesquisador Júlio Assis Simões (2010), no texto intitulado “Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo” fala que, a forma com que os homossexuais se relacionam com a velhice é diferente da maneira como os heterossexuais se relacionam com a mesma. De acordo com o autor, aqueles não se recolhem ao isolamento, ao contrário, mantém suas redes de sociabilidade, cuidam da saúde e praticam exercícios físicos,

ou seja, são socialmente e sexualmente ativos, logo, perante o autor são mais envelhecete¹⁵ do que idosos heterossexuais, e nesse sentido, a velhice é reinventada de forma positiva, não havendo lugar nela para um declínio da atividade sexual.

Em relação ao diálogo entre homossexualidade e velhice, levando em consideração a sociedade atual que ainda discrimina as comunidades LGBTs, Wladirson Cardoso e Ernani Pinheiro Chaves (2012) analisam de forma aprofundada essa questão, em seu artigo “Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay”, em que fazem uma discussão sobre o lugar do homossexual idoso na sociedade, afirmam que:

[...] envelhecimento e homossexualidade se encontram numa linha cruzada, quanto às representações sociais e culturais acerca da produção do corpo, da beleza e da masculinidade, sinalizando, estratégias de sobrevivência e resistência, seja no que respeita à convivência em uma rede social que, ao passar dos anos, tenderia, supostamente, a restringir-se, cada vez mais, ao espaço do lar; seja mesmo utilizando-se de artifícios para o uso e gozo dos prazeres. (CARDOSO, CHAVES, 2012, p. 36)

Nesse sentido, muito além da homossexualidade, segundo os autores, tornam-se necessária uma compreensão da velhice e do envelhecimento como um processo sócio-político, marcado por um discurso que naturaliza determinados comportamentos para o papel do idoso na sociedade contemporânea, onde estes são sujeitos associados à moral heterossexual.¹⁶ Os autores ainda levantam a discussão de que esses idosos homossexuais de hoje são aqueles sujeitos que em um passado não tão distante “vivenciaram transformações históricas no estilo de vida das experiências gays” (CARDOSO, CHAVES, 2012, p. 38). Desta forma, cada sujeito teve experiências de vidas distintas em seu processo de interação com mundo, e hoje, na velhice, são um resultado destas.

Ao analisar a história de vida de nosso interlocutor, observamos que o mesmo, devido sua condição de saúde, prefere o conforto de sua casa e ficar sozinho com suas lembranças e optou não se relacionar amorosamente com ninguém, ou seja, se anulou sexualmente por medo de contagiar outra pessoa, uma vez que em relação ao envelhecimento e seu processo de gestão pela sociedade ocidental, a sua História de Vida contribui com essa pesquisa para reconstruir parte de uma história coletiva, em concordância com Guilherme Passamani (2015) ao falar que:

¹⁶ Cf. SIMÕES, Júlio Assis. (2011). “Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo” In: A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC). São Paulo: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP), Edição n. 50, v. 22, Jul., pp. 07-19.

o curso da vida permite um diálogo não apenas com os determinismos biológicos que constroem, de maneira estática, as idades, mas possibilita erguer pontes entre as diferentes formas de viver, com as experiências acumuladas e com a própria memória que acaba por reconstruir histórias individuais e coletivas. [...] Esta dissolução de uma ideia de ciclo de vida, [...] mostra que a juventude passou a ser pensada não mais como uma fase, mas como um valor. Este me parece o ponto nodal de todo o processo para pensar envelhecimento hoje. (PASSAMANI, 2015, p. 47)

Nesse sentido, o ser humano é um resultado de suas práticas da juventude e maturidade, no caso de nosso interlocutor, este faz parte da visão estigmatizada que a maior parte das pessoas tem em relação aos sujeitos de conduta homossexual, associado à um processo de solidão e doença. Por mais que Romeu tenha constituído uma família, tenha amigos próximos e familiares, preferiu não se relacionar com mais ninguém. Ainda assim, “quando se problematiza a experiência da velhice entre sujeitos com conduta homossexual, é necessário que se leve em consideração a heterogeneidade das experiências e os diversos cruzamentos que marcam essas vivências.” (Passamani, 2015, p. 50). Sendo assim, nem todos estes sujeitos chegam a terceira idade desta forma, com a saúde debilitada, a maioria destes continua com suas práticas homoafetivas e a sociabilidade em ambientes privados e muitos inclusive investem em um “mercado erótico”, para continuarem com suas práticas e condutas sexuais.

a sociabilidade em dimensões menos públicas, ou privadas, torna-se fundamental a partir do compreender-se como “mais velho”. [...] muitos dos sujeitos investigados continuam transitando por saunas, boates, clubes e outros espaços nos quais permaneceriam a “tentar a sorte” no mercado erótico e sexual. O que muda, parece-me, são a frequência e a recorrência. Depois de certo momento, a preferência é dada às reuniões mais particulares junto ao grupo de amigos. (PASSAMANI, 2015, p. 51)

A análise de Guilherme Passamani (2015) vai ao encontro com as de Wladirson Cardoso e Ernani Pinheiro Chaves (2012), bem como a de Júlio Assis Simões (2010), ambos autores falam ao contrário do que maioria das pessoas pensam, que o lugar do homossexual na velhice é na solidão e recolhimento, a maioria dos homossexuais chegaram à essa fase da vida a encaram de uma forma diferente, ou seja, continuam com as mesmas práticas, condutas e vivências, porém de forma reduzida. Em relação às práticas sexuais, não as deixaram de lado, os sujeitos das comunidades LGBTs, idosos, acreditam que, por terem envelhecido, encontrar um companheiro se tornou mais difícil, e devido a isso, optam pelo sexo pago. Em relação a qualidade de vida, possuem uma rede de relacionamentos muitas vezes maior que a de um sujeito da mesma idade heterossexual. Em relação a saúde, aqueles sujeitos que estão bem, não deixam de se cuidar, praticando atividades físicas. Romeu e sua condição de vida na velhice,

faz parte de uma pequena parte de sujeitos pertencentes as comunidades LGBTs que hoje colhem os efeitos do HIV em suas vidas, como a depressão e o isolamento.

3. Considerações finais

Conforme visto em Peter Fry e Edward Mcrae (1985), a homossexualidade é uma questão política e cultural e as ideias associadas às práticas homossexuais variam de contexto, bem como, de cultura para cultura. Pude notar essa concepção, a partir desta pesquisa, ao realizar um contraponto entre a história de vida de Romeu, um homossexual de 67 anos, que viveu e vive em Rio Grande do Sul, e o contexto histórico, político e social das comunidades LGBTs no Brasil, no período que vai de 1964, início da Ditadura Militar que vai a 1985, aos dias atuais.

A partir da leitura e análise dos textos de autores como: James Green e Renan Quinalha (2015), que abordam a forma como a homossexualidade era vista pelos militares; Benjamin Cowan (2015), ao afirmar que a homossexualidade foi patologizada pelos discursos dos militares e com os estudos de Morando (2015) que relatam as ações saneadoras da sociedade realizadas pelos militares contra os homossexuais. Constatado, à luz Guilherme Passamani (2006), que a repressão em relação aos homossexuais em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, foi mais branda do que em relação as principais capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Todos aqueles sujeitos que optavam pela invisibilidade de suas práticas, viveram suas experiências de forma tranquila, desde que, estas não estivessem de encontro com o olhar da repressão dos militares. Havia lugares determinados, pontos de encontro como por exemplo, boates e bares, e se fosse necessário, os encontros e as práticas ocorriam em locais privados. Mas ainda assim, de acordo com Romeu, aqueles que se mostravam visíveis aos militares, eram presos, apanhavam e posteriormente eram soltos. Nesse sentido, a repressão existia, mas de forma branda.

Ao analisar a História de Vida de Romeu, vimos que nosso interlocutor não se aceitou como homossexual pela maior parte de sua vida, além disso, acreditava que era doente e devido a isso, fez tratamento psiquiátrico para tentar “curar” a homossexualidade, inclusive casou-se orientado por seu psiquiatra que acreditava no processo de “cura” através do casamento. Para podermos entender o porquê nosso interlocutor encarou a homossexualidade desta forma, devemos levar em consideração três fatores importantes, que são responsáveis por moldar sua

forma de pensar a homossexualidade e influenciar na aceitação de si mesmo e nas suas condutas de visibilidades.

O primeiro, é que nosso interlocutor cresceu e viveu a primeira etapa de sua vida em um contexto social que vigorava a cultura gaúcha, regida por padrões tradicionalistas, heteronormativos e conservadores em relação a homossexualidade, como vimos anteriormente em Göerjen (2017) e Passamani (2006), o que leva Romeu a se achar diferente de um padrão social heteronormativo vigente na sociedade gaúcha, em que esperava que o gaúcho deveria ser um “macho viril”, modelo este representado por seu pai. Portanto, Romeu em um primeiro momento vive suas experiências homoeróticas às escondidas, pois encarava estas práticas como fora das normas sociais, e, logo, errada.

O segundo fator que devemos levar em consideração é o contexto social e político da Ditadura Militar, entre 1964 a 1985, que via a homossexualidade como uma conduta desviante dos padrões sociais permitidos e subversiva a moral e aos bons costumes, e devido a isso, os militares realizavam medidas saneadoras em relação a estes sujeitos, que por sua vez, viveram suas experiências de uma forma muito discreta, optando pela invisibilidade de suas práticas. Esta concepção foi apresentada por James Green e Renan Quinalha (2015), Benjamin Cowan (2015) e, Morando (2015). Nesse sentido, Romeu também se via uma pessoa com conduta desviante, mas mesmo assim, viveu muitas experiências da forma mais discreta possível, sem ser notado pelos militares e dessa forma até o período de seu casamento viveu em relativa liberdade, na capital gaúcha, mantendo suas vivências entre amigos íntimos e longe da família.

O terceiro fator a ser considerado é o período histórico analisado considerar a homossexualidade como uma patologia pela medicina psiquiátrica até o final da década de 1970, o que foi visto na análise dos textos de Foucault (2015), e também em Benjamin Cowan (2015). Pode-se inferir que essa concepção era tida pela mãe de Romeu, que o orientou a fazer tratamento psiquiátrico, para haver a possibilidade de “cura” da homossexualidade. Essa ideia de patologia também foi assimilada por nosso interlocutor, que se considerou uma pessoa doente por muitos anos.

Obviamente, a cura através do casamento de acordo com Romeu não ocorreu. O que pode ser curado se não há doença? Vimos através da entrevista com nosso interlocutor que durante o período em que ele foi casado continuava ter relações homoeróticas extraconjugais. Provavelmente, esta realidade foi vivida por muitos indivíduos que, assim como ele, viveram nesse período e nesse contexto histórico. Nosso interlocutor se divorciou e afirma: *não era apaixonado por ela como fui por outros homens*; ou então: *nós não tínhamos compatibilidade*

psíquica. Após isso, ele decide se assumir como um sujeito com conduta homossexual perante sua família e a sociedade. De forma discreta, pois isso ocorreu no período de redemocratização entre 1979 a 1985.

Durante o período em que Romeu sentiu-se livre, após “sair do armário”, teve um uma vida desregrada e de excessos, como, com veemência, afirma: *fiz tudo o que Cazuza fez, só não matei nem roubei*; e um relacionamento destrutivo, que teve como consequência o alcoolismo. Desta etapa de sua vida, o resultado foi a contração do fantasma da década de 1980, o HIV. Nosso interlocutor acreditou que iria morrer e aproveitou todos os seus dias como se fossem os últimos, consequência de todo o contexto histórico, de repressão, em todos os sentidos, de sua natureza humana. O resultado de tudo isso foi um quadro de depressão e a continuação de seu tratamento psiquiátrico. Com tudo isso, nosso interlocutor afirmou: *não me arrependo de nada do que eu fiz*.

Após esse período, Romeu se anulou sexualmente para não contaminar ninguém com o vírus da AIDS. Em um primeiro momento, entre o final da década de 1980 e meados da década de 1990, a AIDS foi associada como uma doença específica das populações LGBTs, mesmo sabendo que existem formas de se proteger, como por exemplo, o uso da camisinha, Romeu optou por não se relacionar sexualmente com mais ninguém, e devido a esse isolamento e esquecimento de si e de seus desejos, seu quadro de depressão se agravou com o passar dos anos em seu processo de envelhecimento.

Nesse sentido, trouxemos a análises de textos de Daniel e Parker (1991), o qual apresenta pesquisa dos dados em relação aos sujeitos homossexuais soropositivos que apresentam quadro clínico de depressão; o de Veriano Terto Jr (2001) que também apresenta uma análise da relação existente entre homossexualismo e a depressão, por estes indivíduos serem portadores do HIV; André Malbergiera e Adriana C. Schöffelc – falam que a sujeitos homossexuais portadores do HIV, tem transtornos psiquiátricos e dentre eles, a depressão que é o mais comum em sujeitos homossexuais. Todos os textos confluem para o quadro clínico de Romeu, que hoje continua com seu tratamento psiquiátrico.

A análise em relação ao processo de envelhecimento de Romeu, levando em consideração a sua História de vida contradiz a análise de Júlio Assis Simões (2010), em relação a maneira de viver dos homossexuais idosos. Em seu texto intitulado “Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo” a maioria dos sujeitos que são analisados pelo autor são “envelhecetes”, ou seja, sujeitos que ainda possuem uma rede de sociabilidade, construída ao longo de suas vidas; com uma vida sexualmente ativa, porém em

uma menor quantidade; e ainda a maioria pratica hábitos de vida saudáveis, e cuidados com o corpo e com a aparência. Essa contradição ocorre por causa das condições de saúde de Romeu, e principalmente seu quadro de depressão, que contribuem para o isolamento e a solidão deste sujeito em relação às vivências e práticas homossexuais.

Desta forma, a História de Vida do nosso interlocutor, somada a todo o aparato bibliográfico, além da contextualização histórica, contribui com essa pesquisa para reconstruir parte de uma história coletiva, uma vez que, uma mesma realidade é vivenciada por um sujeito histórico de forma individual ao passo que é plural dentro da comunidade LGBT, durante o período citado.

4. Referências

ANDRADE, Carlos Alberto Aparecido. **A homophobia no Brasil: violência e discriminação**. Monografia. 2015. RJ: Vozes, 2015.

CARDOSO, Wladirson; CHAVES, Ernani P. **Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay**. Rev. NUFEN [online]. v.4, n.1, janeiro-junho, 34-43, 2012.

COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar**. 2014, p. 28. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

CEARÁ, Alex de Toledo; DALGARRONDO, Paulo. **Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice**. Revista de Psiquiatria Clínica. 2010; 37(3):118-23.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS: a terceira epidemia**. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2015. 3º ed.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

GÖERJEN, Édipo D. dos Reis. **Homossexualidades na territorialidade tradicionalista gaúcha**. 2017. 201P. Mestrado - UFSC.

GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>, acesso em 21/04/2019.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e a racionalização da modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MALBERGIER, André, SCHÖFFEL, Adriana. **Tratamento de depressão em indivíduos infectados pelo HIV**. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2001. p.160-7

MORANDO, Luiz. **Por Debaixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969)**. 2014, p. 78. In: GREEN, J., QUINALHA, R. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: Ed. UFSC, 2014.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Na Batida da Concha: sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul**. Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, v. 19, p. 121-134, 2006.

PASSAMANI, Guilherme R.. **Farras, fervos e shows: um Kairós de protagonismos e infortúnios no Pantanal-MS**. Revista Bagoas, n. 13 | 2015 | p. 107-131.

PASSAMANI, Guilherme R.. **Batalhas de confete no “Mar de Xarayés”: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade** / Guilherme Rodrigues Passamani. – Campinas, SP: [s.n.], 2015.

PASSAMANI, **Guilherme R.. Homossexualidades e ditaduras militares: casos de Brasil e Argentina**. Azendo Gênero 9: Diásporas, diversidades e deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

QUINALHA, Renam Onório. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências.201

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. 2009. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, IMS/UERJ.

SIMÕES, Júlio Assis. (2011). **“Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo”** In: A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC). São Paulo: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP), Edição n. 50, v. 22, Jul., pp. 07-19.

TORTO, Veriano. **Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS**. Artigo apresentado na Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) – Brasil, Pesquisador-visitante do PPGAS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000100008&script=sci_arttext&tlng=pt, acesso em 01/05/2019.